

UBE tem poder econômico mas quer vencer com idéias

Luiz Cláudio Cunha

BRASÍLIA — A sigla mais poderosa do país não tem sede, não tem presidente e não tem um único funcionário. Mesmo assim, a União Brasileira de Empresários (UBE) abandonou a discrição e fez sua retumbante estréia diante da opinião pública, no último dia 5, atirando ao mesmo tempo sobre os dois prédios públicos mais influentes do país: o Palácio do Planalto e a sede da Constituinte. No discurso de posse dos 78 membros do conselho consultivo, em Brasília, o atual coordenador da UBE, o engenheiro Antônio de Oliveira Santos, 61 anos, que é também presidente da Confederação Nacional do Comércio (CNC), deixou de lado a prudência para fulminar, num único parágrafo, o Executivo e o Legislativo.

O "brado de alerta" da UBE contra "a presença excessiva do Estado" e "a ação política de uma minoria radical ativista, bem organizada e obediente a uma dialética marxista" foi emitido com o timbre inconfundível do grande capital nacional, abalado pela paralisação governamental e pelo irrealismo da constituinte. No topo da pirâmide, a UBE hoje fala em nome das seis grandes confederações da indústria, bancos, agricultura, comércio e transportes e mais de 100 associações, representando um universo de 4 milhões de empresas. Os 40 milhões de empregados, ali, produzem por ano uma riqueza de 100 bilhões de dólares — o PIB nacional. "O empresário não pode mais ser tanguido como gado", diz Oliveira Santos, no amplo gabinete no prédio de seis andares da filial brasileira da CNC, onde também se abriga a UBE. "Este é um ponto de encontro onde banqueiros e industriais, vestem em comum a roupa de empresário. Sempre em defesa da livre iniciativa".

Longe e além — O inimigo comum

— a Constituinte — ajudou a consolidar a UBE este ano, segundo Oliveira Santos. Velho sonho do patronato brasileiro, a UBE se ressentia dos mesmos constrangimentos impostos pelo regime militar à central sindical dos trabalhadores. "Depois que a Nova República legalizou a CGT e a CUT, não havia mais problemas para fundar a UBE", diz Oliveira Santos. E assim foi feito, em junho do ano passado, tendo o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o atual senador Albano Franco, como seu primeiro coordenador. Oliveira Santos, que sucedeu o senador no cargo, tem outra preocupação, além da Constituinte: "Nós vamos nos pautar pelo afastamento do governo da iniciativa privada. O governo está infiltrado demais na nossa vida", reclama.

Os sinais de que a UBE ganha representatividade começam a ficar evidentes: terça-feira, enquanto a propaganda da UBE pintava na tela das televisões gente, o dono da Rede Globo, Roberto Marinho, recebia a direção da entidade para comunicar sua adesão ao bloco. Nesse mesmo dia, assustada com a decisão da Comissão de Sistematização de nacionalizar a distribuição de combustíveis, a Shell buscou o apoio da UBE, no Rio. Na quarta-feira, foi a vez do ministro Aureliano Chaves buscar o prédio de nove andares da CNC onde vaga a coordenação ambulante da UBE. "Não é o poder econômico nem o rolo compressor do dinheiro que nos dá importância. Isso nunca dá resultado duradouro. O que importa é o convencimento, através do Congresso, do Executivo e da opinião pública", explica Oliveira Santos.

E depois da Constituinte? "A UBE, até pela força da inércia, não pára mais", garante o coordenador, reconhecendo que nas próximas eleições para renovação dos governos estaduais, Câmara dos Deputados e Senado vai prevalecer o apoio aos candidatos identificados com os princípios do livre mer-

cado. "A UBE nunca será partidária, mas já tem vida política". Para quem sonha com os milhões da entidade que reúne as maiores fortunas do país, a UBE promete muita avareza: "Nós temos cerca de 100 associados que contribuem, cada um, com dez salários-mínimos por ano. Temos pouca despesas. A UBE não precisa de dinheiro", garante Oliveira Santos.

Voando baixo — O coordenador da UBE é a prova do que diz. Presidente da Confederação de Comércio, que engloba 14 milhões de empregados em todo o país, Oliveira Santos é um capixaba magro e alto, de fala mansa, que engrossou a voz depois que a Sistematização aprovou a estabilidade no emprego. Os companheiros do comércio reclamaram de sua ausência na *lobby* empresarial que tentou evitar a aprovação da medida na Constituinte.

Oliveira Santos reapareceu em grande estilo, dias depois, batendo duro no discurso da UBE contra os políticos e o governo. O papel destacado que passou a exercer, a partir de agora, não afetou sua rotina. Passa um dia por mês em Vitória, ES, cuidando de seus negócios: duas aviculturas, uma fazenda de gado e uma imobiliária. Uma vez por semana ele despacha de seu gabinete da CNC, no Setor Comercial Sul de Brasília. O resto do tempo ele dedica à sede da confederação, no Rio, e à família — a mulher do segundo casamento, Graça, e o filho caçula de 4 anos. Do primeiro casamento, Oliveira Santos tem dois filhos e duas filhas, todos engenheiros. Quando sai do trabalho, rumo ao apartamento de São Conrado, pratica seu único *hobby*: escapa do trânsito congestionado embarcando no seu Cessna particular, no aeroporto Santos Dumont, e circulando a Zona Sul a 500 metros de altura, até o aeroclube de Jacarepaguá, próximo a sua casa.

Brasília — Luciano Andrade



Oliveira Santos: entre os poderes

Empresário diz o que espera dos políticos

Trechos da entrevista de Antônio de Oliveira Santos sobre as principais preocupações da UBE, agora:

Estabilidade: "É um engodo. Só existe emprego se houver empresa. E emprego não se faz por lei. Estabilidade não segura ninguém no emprego. O que segura é a capacidade de trabalho, a produção. Com o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o trabalhador passou a ter um patrimônio. Com o FGTS, desapareceu o passivo trabalhista e apareceu, na moderna empresa brasileira, o ativo trabalhista."

Sem estabilidade: "Imagine uma empregada doméstica com estabilidade, que brigasse com sua mulher e vocês não pudessem mandar embora. De sua mulher você pode até se divorciar. Eu sou divorciado uma vez, casei de novo. Até o casamento você desmancha; quando vê que não funciona."

O jogo do poder: "Nós estamos sem experiência do jogo democrático. Perdemos o jogo de cintura. No regime anterior, o empresário conversava no máximo com quatro pessoas: o Figueiredo, o Delfim, o Galvêas e o ministro da área. E o decreto-lei resolvia o resto. Hoje, o jogo é democrático. Nosso grande interlocutor agora, é o Congresso."

Desestabilização: "Todos os nossos esforços têm como objetivo, estabilizar o trabalho da Constituinte."

José Sarney: "Ele viveu uma situação política extremamente difícil. Sarney assumiu aquela posição de líder da democracia com um passado ligado ao regime que estava sendo sepultado."

Transição: "Acaba no dia em que a Constituição for promulgada. Aí começa vida nova."

Mandato do presidente: "Eu gostaria de eleição em 88 ou 90. Ou 4 ou 6 anos de mandato para Sarney. Com parlamentarismo, o correto seria eleição em 90. Com presidencialismo, o ideal é 88."

Antônio Ermírio de Moraes: "Um grande candidato."